

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

DIAS, José Henrique. *José Henrique Dias (depoimento, 1998)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1999. 31 p. dat.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC/FGV e FUNDAÇÃO CSN. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

JOSÉ HENRIQUE DIAS
(depoimento, 1998)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

levantamento de dados: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

pesquisa e elaboração do roteiro: Ignez Cordeiro de Farias; Verena Alberti

sumário: Cinthia Monteiro de Araujo

conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias

copidesque: Verena Alberti

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Volta Redonda - RJ - Brasil

data: 08/12/1998

duração: 1h 20min

fitas cassete: 02

páginas: 31

Entrevista realizada no contexto do projeto "Pioneiros e Construtores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)", na vigência do convênio entre o CPDOC-FGV e a Fundação CSN. Esta entrevista subsidiou a elaboração do livro "CSN um sonho feito de aço e ousadia" (Rio de Janeiro, Fundação CSN & Fundação Getulio Vargas, Iarte), de autoria de Regina da Luz Moreira.

A escolha do entrevistado se justificou pelo fato de ter trabalhado como pedreiro nas obras de construção da usina e da cidade de Volta Redonda, além de ser músico da banda da CSN.

A parte final desta entrevista foi gravada simultaneamente em vídeo.

temas: Companhia Siderúrgica Nacional, José Henrique Dias, Volta Redonda

Sumário

Entrevista: 08/12/1998

Origens familiares; primeiro emprego como servente de pedreiro em Lavras; ida para Volta Redonda em 1942 a convite dos cunhados; o estudo de música em Lavras; a banda de música da CSN: número de integrantes, apresentações, uniforme, repertório; menção ao trabalho em empreiteiras, anterior ao trabalho na CSN; a entrada na companhia: comentários sobre a acumulação das funções de músico e pedreiro, a moradia na vila do Sapo, os ganhos mensais, o exame de admissão, o trabalho como pedreiro; explicações sobre a diferença entre o trabalho do pedreiro de construção civil e do técnico refratário; aspectos da cidade de Volta Redonda na década de 1940: primeiras impressões do entrevistado, o comércio e o armazém da companhia, discussão sobre os transportes e falta de combustível; observações sobre o nascimento dos filhos; rápidos comentários sobre a assistência médica e a oferta de escolas na cidade; o namoro e o casamento em Lavras; enchente na vila do Sapo e a transferência para rua 207; opinião do entrevistado sobre o presidente Getúlio Vargas; a homenagem que o entrevistado recebeu da CSN; rotina de trabalho na usina: horário, trajeto percorrido a pé, almoço; impressões sobre o sindicato dos metalúrgico; rápido perfil de Edmundo de Macedo Soares e Silva; outras atividades realizadas pelo entrevistado: o trabalho como músico em Lavras, o trabalho como pedreiro em São Paulo; comentários sobre a família e a responsabilidade assumida pelo entrevistado; rápidas considerações sobre os efeitos da emancipação política da cidade; outros comentários sobre a família; avaliação sobre a importância da CSN para a vida pessoal do entrevistado e para o Brasil.

Entrevista: 08/12/1998

I.F. – Seu Juca, seu nome certo é José Henrique Dias?

J.D. – É isso mesmo.

I.F. – E de onde vem o apelido de Juca?

J.D. – Esse apelido parece que eu já tinha quando estava no ventre da minha mãe. Eu nasci, e já “Juca, Juca”. Em toda a parte que eu vou... Morei no estado de São Paulo três anos e lá era Juca mesmo. Chegou em uma situação tal que se eu estiver na rua e me chamarem pelo meu nome próprio — “Oi, José, José!” — eu vou em frente.

V.A. – O senhor não sabe nem quem é.

J.D. – Não sei quem é. Se falar Juca, eu logo estou atento. É uma coisa esquisita.

I.F. – Seu Juca, o senhor nasceu onde?

J.D. – Eu nasci no estado de Minas, na cidade de Lavras, no sul de Minas.

I.F. – Seus pais eram de lá também?

J.D. – Eram de lá, mas são falecidos. Eu perdi meu pai aos 14 anos de idade, ele deixou meus seis irmãos e eu já tive que assumir o cargo de chefe de família.

I.F. – O senhor é o mais velho?

J.D. – O mais velho. E aí, com 14 anos tive que assumir o cargo de chefe de família. Com seis irmãos e minha mãe, coitada, doente, eu tive que ir à luta.

V.A. – Com o senhor, então, eram sete filhos?

J.D. – Comigo éramos seis; cinco irmãos, mais eu, seis.

I.F. – E o senhor nasceu em que dia?

J.D. – No dia 18 de setembro de 1914, já estou velho toda a vida!

I.F. – E o senhor disse que teve que assumir a família. O senhor sabia ler e escrever?

J.D. – Eu já tinha feito o curso primário.

I.F. – Lá mesmo em Lavras?

J.D. – Lá em Lavras. O objetivo de meu pai era me levar além, estudar mais coisas. Mas não deu porque Deus o levou e eu então tive que enfrentar a luta.

V.A. – Seu pai era o quê?

J.D. – Era tipógrafo e trabalhava na tipografia de um jornal chamado *O Município*.

V.A. – Jornal de Lavras?

J.D. – Era sim. Há muitos anos que ele trabalhava nessa tipografia. Mas depois adoeceu e foi uma coisa fatal, demorou pouco.

V.A. – Ele morreu de quê?

J.D. – Coisa do coração, problema cardíaco.

I.F. – E sua mãe era doente de quê?

J.D. – Minha mãe até que tinha boa saúde, morreu mesmo por idade com setenta e tantos anos. De maneira que ele nos deixou naquela situação, mas Deus é bom pai e nós conseguimos vencer essa etapa.

V.A. – Seus irmãos ainda estão vivos?

J.D. – Não. Éramos seis irmãos, quatro homens e duas mulheres; só resta eu.

V.A. – O senhor então, agora, vai contar para a gente a história desses outros que não restam.

J.D. – Sim, se estiver no meu alcance...

V.A. – Quando o seu pai morreu, o senhor tinha 14 anos; isso foi em 1928, não?

J.D. – Eu não tenho certeza, só fazendo as contas mesmo.

I.F. – E o senhor aí teve que assumir a família. Fazia o quê, então?

J.D. – Trabalhava de servente de pedreiro. Era muito fraquinho e carregava lata de reboco de 20 quilos nas costas, subindo escadaria, era um caso muito sério. Mas a gente, sempre animada, conseguiu vencer essa etapa. Ganhava pouco. Naquele tempo, um servente de pedreiro ganhava dois e quinhentos...

I.F. – Servente de pedreiro?

J.D. – Servente mesmo, era ajudante de pedreiro.

V.A. – Ganhava quanto?

J.D. – Dois e quinhentos por dia; 15 — naquele tempo nem sei falar o dinheiro que era — por semana. Vou falar aqui 15 reais.

V.A. – E dava para comprar o quê?

J.D. – Ah, a gente passava muita falta. Passava muita falta, porque 15 reais — vamos falar 15 reais — para seis pessoas, seis irmãos, e com minha mãe doente...

V.A. – Ela era doente de quê?

J.D. – Minha mãe eu acho que era meio epilética, de vez em quando dava uns acessos, muito nervosa, e a gente estava sempre correndo com ela. De maneira que a gente passou muito trabalho.

V.A. – E os seus irmãos nessa época não trabalhavam?

J.D. – Tudo garoto; não trabalhavam, não.

V.A. – E estudavam?

J.D. – Estudaram, mas não completaram nem o primário, porque logo também tiveram que correr para trabalhar. De maneira que houve essa dificuldade toda e a gente não conseguiu o objetivo que desejava para eles. Teve um que foi servir ao Exército, até ia bem, passou a cabo e estava até com tendência de ser sargento mas também faleceu logo. Por ocasião daquela guerra de 42, ele foi convocado, não sei o que ele arrumou para não ir para a guerra e estragou a saúde toda.

I.F. – Mas não foi para a guerra?

J.D. – Não foi. Ele saiu de São João Del Rei, passou pelos exames e [inaudível] os que iriam para a Itália. Eu não sei o que ele arrumou lá que não deu certo. [inaudível] passar no segundo exame, eu sei que ele se escangalhou todo.

V.A. – E morreu em consequência disso?

J.D. – Morreu em consequência disso. Outro irmão era torneiro, chamado Diocésio. Ele também foi para São Paulo, chegou lá foi trabalhar naquela eletroquímica acho que em São Migue, e lá era muito insalubre, aquele gás brabo, e ele também durou pouco; não agüentou aquela poluição. As irmãs casaram mas morreram.

V.A. – Casaram em Lavras mesmo?

J.D. – Não, casaram aqui.

V.A. – Ah, vieram para cá?

J.D. – Vieram até primeiro do que eu.

V.A. – Como foi essa história? Como a família veio para Volta Redonda?

J.D. – Primeiramente veio meu cunhado para trabalhar no início da companhia.

I.F. – Casado com sua irmã?

J.D. – Casado. Naquela época era muito difícil para o camarada que era profissional no estado de Minas — ele era encanador — porque o material de construção vinha todo para aqui. A companhia requisitou cimento, vergalhões, vinha tudo para a usina e nós lá no interior ficávamos sem recursos. Precisava de um saco de cimento, não tinha; precisava de um vergalhão, não tinha. E com isso, a agente ficou na pior. Então, meu cunhado veio, estava bem, e aí chamou o segundo.

V.A. – O senhor lembra em que ano ele veio?

J.D. – Foi em 42, eu vim depois dele. Depois veio o segundo cunhado da mesma forma. Veio, trabalhou.

V.A. – Eles trabalhavam em quê, aqui?

J.D. – Todos os dois, mecânicos. Mas um foi a mestre de obras da mecânica e o outro foi mecânico simples, operário. Um era João Barbino Filho e o outro, Barbino Silvestre.

V.A. – Barbino também? E eram parentes?

J.D. – Não, não eram, não. Eram de famílias diferentes, mas por coincidência minhas irmãs casaram com os Barbinos. A origem da minha vinda para cá foram eles. Eu era pedreiro, já trabalhava como oficial de pedreiro. Como consequência de não ter material de construção, de não ter matéria-prima, a gente ficava lá ao Deus dará, trabalhava um dia por semana, aquela coisa toda, então me convidaram [inaudível] em setembro de 1942 também.

I.F. – O senhor veio trazendo família?

J.D. – Eu já estava casado, casei com uma mineira. Lá eu era solteiro, nessa época.

I.F. – E o senhor não tinha dinheiro mas casou?

J.D. – Ué, não pensava. O negócio era casar. [risos] Aí eu já estava casado. Mas naquela inconseqüência, a Segunda Guerra estava atuante e a gente precisava trabalhar. Então eu vim para cá e aqui eu fui feliz.

V.A. – O senhor veio porque os cunhados chamaram?

J.D. – Isso, eles me chamaram. Eu não tinha necessidade de vir, mas eles chamaram e foi uma boa para mim.

V.A. – O senhor veio já com sua esposa?

J.D. – Não. Ela ficou uns seis meses lá porque não havia casas de aluguel, não tinha nada. O pessoal morava em barraco, aqueles barraquinhos pequenos, assim como meus cunhados.

I.F. – Barracos de lona?

J.D. – De tábua mesmo. Mal dava para agasalhar as famílias deles; então, eu não cabia lá também. Eram dois cômodos; o primeiro tinha parece que três filhos e a esposa. Não me cabia e eu mesmo achei que não estava para mim: aí fui morar no alojamento, com muita gente, gente que a gente não conhecia.

I.F. – E esses barracos e esses alojamentos eram da CSN, ou eram vocês que construíam?

J.D. – Não, eram da CSN. A CSN também tinha aquelas companhias empreiteiras e como eles tinham muitos operários, as empreiteiras, naquela oportunidade, eram obrigados a fazer também os barracos para o abrigo do pessoal deles. E a companhia então fazia também. Mas o da companhia mesmo era bom, era com todo o rigor, muito bem arrumado. O dos empreiteiros já não era assim.

V.A. – E o senhor ficou no da companhia ou no dos empreiteiros?

J.D. – Eu fiquei no dos empreiteiros acho que cinco meses.

V.A. – Mas aí o senhor trabalhava nas empreiteiras?

J.D. – Eu trabalhei na empreiteira.

V.A. – Então o senhor não chegou para trabalhar na CSN?

J.D. – Não. Eu vim para cá, logo arrumei serviço na empreiteira. Como sou músico também, logo comecei a freqüentar os ensaios da banda de música da companhia, não era nem empregado e às vezes até faltava ao serviço para...

V.A. – Para freqüentar os ensaios.

J.D. – É, eu gosto muito. [riso] E aquilo foi bom para mim porque depois veio o convite para eu entrar para a companhia e fazer parte da banda de música.

V.A. – Como o senhor se tornou músico?

J.D. – Eu aprendi lá em Minas. Meu pai era músico também, tipógrafo e músico, e minha mãe era cantora de coral de igreja; na minha família, todos eram músicos.

V.A. – E o senhor tocava qual instrumento?

J.D. – Trombone.

V.A. – De vara?

J.D. – É, trombone de vara.

V.A. – Lá em Minas o senhor já tocava?

J.D. – Tocava sim.

V.A. – Na banda, em Lavras?

J.D. – Naquelas bandinhas pobres, de operários.

I.F. – Mas o senhor sabia de ouvido?

J.D. – Não, eu estudei com o professor José Maciel. De maneira que, quando eu vim para cá, me serviu.

V.A. – E o senhor estudou antes do seu pai morrer ou depois?

J.D. – Depois que meu pai faleceu. Ele me deu o iniciozinho, mas não pôde completar porque logo faleceu. Eu fui conseguir com esse professor José Maciel, que era muito amigo de meu pai, e estudei música.

I.F. – O senhor sabe que eu estive conversando com o general Edmundo de Macedo Soares, há muitos anos, e ele me disse que quando chegava em um lugar como a CSN, a primeira coisa que fazia era organizar uma banda de música, uma escola e um hospital.

J.D. – Exato, isso aconteceu aqui. Quando eu vim para cá, essa banda da Companhia Siderúrgica estava nova ainda e eu sou considerado um dos seus fundadores. A verdade é que, quando eu cheguei, ainda não estava na companhia, ela já estava funcionando, mas... porque daquela turma, o que existe sou eu. Muitos já morreram, outros estão velhos, não tocam mais...

V.A. – E o senhor ainda toca?

J.D. – Ah, toco! Não estou com aquele garbo todo de quando era moço, tenho problema de vista atualmente e isso prejudica muito a leitura da música. Mas a diretoria lá me considera muito — também eu faço por onde. O maestro lá, um rapaz novo, mas muito novo mesmo, parece que tem 24 anos, mas é a música em pessoa, me considera porque eu sou um fundador daquela banda.

I.F. – Quantas pessoas tocavam na banda, naquela época.

J.D. – Naquela época, nunca que tinha um quadro efetivo porque havia certas dificuldades. Muitos músicos vinham aqui mas achavam dificuldade para alojar a família — e era difícil — e falavam: “Ah, se minha família não está aqui, eu vou embora.” E logo iam embora. Quem persistiu mesmo, eu e mais alguns que persistimos até a coisa chegar no lugar certo. E deu resultado, porque com isso eu fiquei aqui.

I.F. – Mas eram quantos mais ou menos: 10, 15...?

J.D. – Não! A banda naquele tempo tinha umas 40 figuras.

I.F. – Quarenta figuras!?

J.D. – Quarenta figuras! E o general Macedo Soares achava pouco. Ele dizia: “Essa banda tem que ter 60 figuras.” Ele era muito cuidadoso com a banda de música; era muito cuidadoso, gostava, era muito devoto da Santa Cecília...

V.A. – E os senhores faziam apresentação da banda em que ocasiões?

J.D. – A banda tocava muito. Naquele tempo, a gente tocava nesses desfiles militares de 7 de setembro, esses 15 de novembro, esses feriados nacionais todos. Em procissões aqui da cidade. Tinha um batalhão lá em Barra Mansa, então a gente ia lá para desfilar com eles, fazia aquele desfile e a gente ia tocando na frente. Uma banda semimilitarizada. A gente estava sempre prestando serviço com eles, a gente estava treinada em ordem unida, essas ordens de quartel. Então a gente prestava o serviço mesmo com toda a eficiência.

I.F. – E tinha uniforme, a banda?

J.D. – A banda tinha uniforme. No início, quando eu entrei para a banda, eram esses macacões de trabalho, mas tudo muito bem asseado. Tinha um gorrozinho que eles diziam que era o bibico. A gente punha aquilo na cabeça e o uniforme era macacão. E esse uniforme durou muitos anos. Nós fomos até a um desfile em São Paulo, num dia 1º de maio, com esse uniforme. A banda estava muito boa, fez um sucesso esplendoroso.

V.A. – Em que ano os senhores foram a São Paulo?

J.D. – Olha, eu nem lembro. Parece que foi lá para 1944 mais ou menos, nessa faixa de anos.

V.A. – Foram a São Paulo para quê?

J.D. – Fomos lá desfilar, comemorar o 1º de Maio. Fomos lá com esse uniforme, o povo lá aceita, é muito receptivo e achou muito boa a banda — o uniforme não foi reparado. Eles podiam dizer: “os homens do macacão...”

V.A. – Mas eram os trabalhadores da CSN!

J.D. – Todo mundo, a banda com 60 figuras mais ou menos, com aquele uniforme... Eu sei que estava tudo legal. Mas a banda, então, tocava muito.

V.A. – E o que ela tocava?

J.D. – Marchas militares, dobrados e essas músicas populares quando era em leilões, essas coisas. Era o seguinte: um bairro aí ia fazer a comemoração de um santo, então pedia a banda. A banda então ia lá, naqueles leilões, e tinha que tocar aqueles sambas, marchas, boleros... E nós tínhamos um repertório muito rico nesse gênero de música.

I.F. – Tocavam música de dança também, para dançar em festas?

J.D. – Não, era para leilão. Eles leiloando lá e a gente tocando para animar, era muito agradável. Mas de maneira que a banda tocava muito mesmo.

I.F. – O senhor disse que trabalhava em uma empreiteira. O senhor lembra o nome da empreiteira?

J.D. – Olha, eu trabalhei na Companhia Pederneira, depois trabalhei com uns empreiteiros daqui, Artur Mendes, com um fulano de tal Peixoto, e daí fui para a companhia.

I.F. – E para a companhia o senhor foi já como homem da banda?

J.D. – É, já fui para a banda.

I.F. – Não ficou trabalhando como pedreiro.

J.D. – Não, trabalhava sim! Na companhia, o músico era o seguinte: quando a companhia tinha uma função musical, a gente era convocado. O chefe, o engenheiro já sabia. Chegava lá o pedido: “O músico fulano de tal, matrícula tal, às tantas horas na banda de música.” Então, ele logo fazia questão que a gente cumprisse aquela ordem. Aí juntava todo mundo, aqueles diversos departamentos, tinha mais de 40 departamentos naquela época, departamento da eletricidade, água e esgoto, pedreira, locomotiva, e cada um tinha um chefe.

I.F. – E o senhor trabalhava em qual departamento?

J.D. – De pedreiro.

V.A. – Na companhia?

J.D. – Na companhia mesmo.

V.A. – O senhor ficou quanto tempo trabalhando para empreiteiras?

J.D. – Seis meses mais ou menos.

V.A. – E como o senhor conseguiu entrar na companhia? Através da banda?

J.D. – Olha, o negócio foi o seguinte: a gente quando veio para cá, conforme eu já disse, a Segunda Guerra estava em plena atividade. Então, corria um boato de que se eu entrasse na companhia, se eu quisesse sair, eles não me dariam a demissão. E se eu desertasse, fosse embora por minha espontânea vontade, era considerado desertor. Esse era o zumzumzum que a gente ouvia por aí. Eu então fiquei com medo. Quando eu vim da minha terra, o meu objetivo era trabalhar aqui mais ou menos uns seis meses, arrumar um dinheirinho e fazer uma casa para mim. Aí voltaria para lá e nunca mais viria aqui. Mas então eu comecei a trabalhar e foi a música que me incentivou. Eu logo tomei amizade na banda de música, o pessoal me dando conselhos, os colegas: “Você é bobo, *sô!* Voltar para Minas e fazer o quê? Aqui é um lugar de futuro!” Como de fato eu notei que era mesmo, e falei: “Vou voltar lá para Minas, ganhar uma mixaria danada, serviço sempre escasso...” Então, fiquei por aqui — e foi bom. Aí, logo trouxe a minha esposa, fomos morar lá na beira do rio, numa vila que se chamava vila do Sapo — mas tinha sapo mesmo! Chegava de noite e era aquela banda de música de sapo. [riso] Ali, eu e mais um colega fizemos um barraco de parede a meio e ali nasceu a minha primeira filha. De maneira que ficamos ali muito tempo.

I.F. – Aí não era casa da companhia.

J.D. – Não, ali era barraco mesmo, feito de tábua. A Companhia nos deu o material todo e fizemos esse barraco na vila do Sapo, lá na beira do Paraíba. Mas moravam muitas famílias, tinha ali umas 200 famílias mais ou menos.

I.F. – E o que o senhor ganhava como pedreiro dava para viver direitinho?

J.D. – Dava, na companhia dava. Dava porque a gente fazia muito extraordinário, muito serão. Depois, entrava o dinheiro da banda, porque na banda de música a gente ganhava também nas horas que prestava serviço lá, nos ensaios, nas tocadás. Então, tudo isso a companhia nos pagava. Juntava tudo e dava até boa soma mensal.

I.F. – Os ensaios eram feitos onde?

J.D. – A senhora não é daqui, não? Ah, é difícil explicar. Ali, entre a rua 11, no Conforto, e a rua 9, tinha um barracão de tábua, mesmo em frente ao britador de minério, de pedra, que tinha ali. E naquele barracão a gente ensaiou muito tempo, acho que uns três anos mais ou menos. Depois, eles precisaram daquela área para as construções, já que as construções vinham se aproximando. Eles precisaram daquele setor e nós mudamos lá para baixo, perto da Central do Brasil, na beira da linha da Central do Brasil, bem longe. Ali ficamos muitos anos, ensaiando ali, tocando etc. Aí, o capitão Franklin de Carvalho veio para tomar a direção da banda, ele também trabalhou com a gente muitos anos nesse barraco que eu estou dizendo, e depois notou a necessidade, que ali não era bom, era na beira da estrada de ferro, muito barulhento, e para o ensaio da banda tem que ser um lugar tranquilo, que não tenha muito ruído. E combinou com a diretoria da companhia e fez lá no Recreio do Trabalhador, sabe onde é? Ele construiu ali, mas deu um trabalho danado, porque era barranco e teve que botar escavadeira para poder aplainar o terreno. E está aquela sede hoje, que é uma coisa maravilhosa, tudo iniciativa do capitão Franklin e da diretoria daquela época. De maneira que hoje é uma sede muito importante, muito cômoda e a gente então está pelejando...

I.F. – Mas o senhor ainda não contou como entrou na companhia como pedreiro. O senhor chegou a pedir o emprego, convidaram, como foi?

J.D. – Olha, tudo isso já foi a música que me deu uma força. Sabe como é, na banda tinha muitos músicos que eram pedreiros também, o mestre da banda tinha parentes que eram pedreiros, e aquilo, em conversas com eles, eu naquela indecisão de ficar empregado na companhia ou voltar para casa, me aconselharam. E daí eu peguei coragem e passei a ser empregado da companhia.

V.A. – Mas o senhor foi a algum lugar e falou “Eu quero ser empregado”?

J.D. – Não, aquilo era mais fácil. A Companhia estava precisando mesmo, que estava em obras. Na companhia, a gente chegava, falava que era pedreiro, fazia um exame profissional...

V.A. – Como era esse exame?

J.D. – Eles mandavam fazer as quatro operações e exigiam mais a capacidade do camarada saber trabalhar, assentar tijolos, ladrilhos, arremates, azulejos. Eles exigiam muito essas coisas porque não adiantava o camarada saber português, matemática, e na hora H não saber desempenhar a profissão. Então eles exigiam, que era praxe da companhia, que o camarada soubesse as quatro operações, mas o essencial era ser profissional, saber trabalhar.

V.A. – Como o senhor aprendeu a ser pedreiro?

J.D. – Eu, quando comecei a aprender música, e esse camarada era pedreiro.

V.A. – Esse José Maciel?

J.D. – É, José Maciel. Tinha o Joaquim Francisco de Sousa também, que eles tratavam de Joaquim Laorinda, e eu trabalhei de servente com eles. E era praxe o camarada que trabalhava como servente de pedreiro ou numa companhia empreiteira daquelas um certo tempo, eles, por consideração, já punham o sujeito para trabalhar na ferramenta. “Não, fulano, coitado, trabalhou aí de servente, é esforçado, de maneira que ele tem que ser um pedreiro.”

I.F. – E o senhor, quando entrou na companhia, que veio trabalhar como pedreiro, trabalhava na construção civil das casas da cidade, ou diretamente dentro da usina?

J.D. – Eu trabalhava dentro da usina.

I.F. – Fazendo o quê?

J.D. – Fazendo escritórios, escadas, tudo quanto era construção dentro da companhia. A companhia tinha um departamento que era de refratário — refratário era trabalhar com esse material de fornos de alto grau de calor — e tinha o departamento de construção civil, que era fazer escritórios para os engenheiros — enfim, sabe como é, residencial, vamos dizer assim. Então eu trabalhava nessa faixa residencial.

V.A. – Escritórios.

J.D. – É.

V.A. – Do refratário era exigido mais o quê? É difícil trabalhar no refratário?

J.D. – Não é difícil, é difícil no funcionamento do forno. Porque no momento em que acabava o [inaudível] do refratário, eles acendiam o forno e vinha uma calor, uma coisa fora do sério [*sic*].

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.D. – Essa aqui é minha neta mais velha e essa aqui é a bisneta.

I.F. – Muito bem! Bonita. Como é o seu nome?

C.D. – Clarissa.

I.F. – Muito bem! Nós estamos conversando com o bivô.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

I.F. – Mas o senhor estava falando sobre o refratário.

J.D. – Pois é. O refratário era o seguinte. Na construção era uma coisa até maravilhosa, um serviço asseado. Mas depois que o forno estivesse pronto e já produzindo, com o tempo tem que dar ali uma reforma, porque a caloria faz com que o forno se danifique. Então, às vezes o forno estava com alta caloria, e o pedreiro era obrigado a ir lá para fazer os tijolos que estavam fora do lugar. Ele tinha que entrar ali e era um serviço mesmo horrível. O camarada entrava ali e com dois minutos estava banhado em suor. Mas era mesmo de vida e morte.

I.F. – Era isso que o senhor fazia?

J.D. – Não, esse era o refratário. O meu era da construção civil, era assentar tijolos, azulejos, ladrilhos, emboisso, era um serviço mais adequado para a gente.

I.F. – O senhor conheceu o seu João Siqueira Lopes, técnico refratário?

J.D. – Conheci, sim, o João Siqueira. Ele era refratário. Eu fui lá uma vez, emprestado. Porque quando o serviço apertava lá para eles, tinha que sair em determinado tempo, eles pediam um pedreiro no nosso departamento para ir ajudá-los. A gente ia, mas ia nervoso porque sabia que ia pegar um serviço que não era da profissão da gente, e de vida e morte, caloria de não sei quantos graus.

V.A. – Mas havia muito pedreiro que morria ali?

J.D. – Ah, muitos morreram. Morrer lá trabalhando, não. Era raro, nunca ouvi falar. Mas que danificava a saúde, danificava. Sabe lá? O camarada numa caloria de muitos graus, depois tinha que tomar água gelada, eles davam um comprimido para a pessoa tomar.

V.A. – Davam um comprimido? De quê?

J.D. – Eu não sei o nome do comprimido. Eles diziam que aquilo anulava a doença que aquela caloria causasse ao corpo humano. A pessoa tomava aquilo mas era quase permanente aquela reforma e muitos morreram. Dos que trabalharam lá, acho que não existe ninguém mais.

I.F. – O Siqueira.

J.D. – O Siqueira eu não vi mais.

I.F. – Nós falamos com ele, vamos entrevistá-lo amanhã.

J.D. – Eu trabalhei com o Siqueira. Quer dizer, não assim fixo com ele. Pediam ao departamento e a gente trabalhava um dia, até um mês, e voltava para o departamento de origem. Ele talvez nem me conheça porque naquele tempo era o Siqueira, tinha o

Honório, tinha o Casimiro, que era um espanhol, e mais outros que eu não conheço. Todos eram mestres.

I.F. – Mas e o senhor, que tinha tanto medo de ficar aqui sem poder sair, porque sairia como desertor, perdeu o medo?

J.D. – Ah, perdi. Aquilo eu acho que era conversa fiada que o pessoal aqui fazia para ter assunto. Eu vi muitos irem embora [inaudível]. O operário era tratado de arigó; então era conversa de arigó. Eu acho que eles inventaram essa conversa e a gente, que vinha do interior, acreditava que era verdade, que se a gente fugisse seria considerado desertor, e a gente não queria isso. E depois, mais tarde, se quisesse retornar para a companhia, não seria aceito. Então, a gente evitava essas coisas. Mas eu vi muita gente sair, ir embora e ninguém foi procurar. Era conversa fiada.

V.A. – Agora eu queria voltar um pouquinho. Quando o senhor saiu de Lavras, na primeira vez em que veio a Volta Redonda, como o senhor veio para cá? De trem?

J.D. – De trem. Naquele tempo não havia essa facilidade de ônibus, era mesmo trem de ferro, maria-fumaça, como se diz.

V.A. – E como o senhor viu a cidade? O senhor chegou aqui em 42. Como era a cidade?

J.D. – Era muito atrasada, sabe? Isso aqui, só mesmo a pessoa que viu. Eles estavam construindo a igreja Santa Cecília, a Escola Técnica, mas a senhora andava naquela rua 33 e via aqueles caminhões atolados com o material que iam levar para a construção...

[FINAL DA FITA 1-A]

J.D. – Não havia mesmo cabimento de ser igual a hoje, estava iniciando.

V.A. – É, mas a gente quer saber como era em 1942. Tinha comércio, tinha loja?

J.D. – Tinha um comércio muito resumido, mais lá para o lado de Niterói. Aqui no centro da cidade não tinha nada. A igreja, o comércio eram lá para os lados de Niterói. Aqui estava em construção, não tinha nada.

V.A. – E como o senhor comia? O senhor comia no alojamento da empreiteira?

J.D. – Antes de trazer a família, eu comia no alojamento. A companhia dava — dava não, a gente pagava. Mas depois que trouxe a família para cá, a gente corria lá em Volta Redonda, era longe, no comércio e fazia as compras lá. Era longe, não era como hoje, que tem essa facilidade de muitos supermercados rodeando a gente. Mas a gente dava um jeitinho.

I.F. – E a companhia tinha um armazém?

J.D. – Tinha um armazém, sim.

I.F. – Vocês compravam com dinheiro?

J.D. – Não, era descontado em folha. No pagamento, eles descontavam aquela compra dos gêneros.

I.F. – O salário dava para cobrir?

J.D. – Dava, dava. A gente ganhava bem porque fazia muito extraordinário também. O salário mesmo, simples, já não era ruim, e a gente fazia muito extraordinário, aproveitava mesmo a oportunidade.

I.F. – Nunca ficavam devendo no armazém?

J.D. – Não, não ficava, não. Alguns, às vezes, no caso de doença muito grave... Muitos não eram iguais a mim, que, graças a Deus, fui feliz porque não tive esse problema. Mas dava para vencer com toda a facilidade.

I.F. – E quanto vocês pagavam pelo alojamento, para morar?

J.D. – Não pagava nada, não; eu não pagava nada, não.

I.F. – O senhor falou dos caminhões que ficavam atolados. Mas naquele tempo não tinha muito caminhão andando por aqui. Na época de 43, na guerra?

J.D. – Mas era de material.

I.F. – Pois é, mas devia ter muito pouco.

J.D. – Não, tinha muito caminhão porque não só a usina estava em grande desenvolvimento e também a cidade: eles estavam construindo a igreja Santa Cecília, a Escola Técnica... Então existia muito serviço cá para fora, tanto lá dentro da usina como cá fora. Aqueles hotéis na 33 estavam todos em construção.

I.F. – Já em 42, 43?

J.D. – É, sim. Quando eu cheguei, estavam.

V.A. – Eram caminhões puxados a burro?

J.D. – Não, caminhão mesmo, motorizado. Mas era muito ruim, não tinha calçamento nem nada.

I.F. – Eu soube que automóvel, só tinha dois.

J.D. – Automóvel?

I.F. – É. Um era do diretor técnico, general Edmundo de Macedo Soares, e um para atender a casos de necessidade, de urgência. Não tinha gasolina.

J.D. – Eles davam um jeito. [riso] Aqui tinha mais. Ah, tinha sim. Era muito resumido, mas eu acho que tinha. Eu não posso dar com precisão, não, mas acho que eram mais de dois. Era como eu estou falando: os caminhões... O caminho era muito ruim e eles

vinham com aquele peso de muitos milhares de tijolos e atolavam, ficavam enterrados no meio do caminho. Aí eles vinham, tiravam e levavam lá para o setor de construção. Era uma dificuldade que havia. Mas tudo eles resolviam. Era muito bom, a gente acostumava com aquela atividade toda e aquilo, para a gente, era o mesmo que nada.

V.A. – E comparando Volta Redonda, quando o senhor chegou, e Lavras, qual era diferença entre a cidade que o senhor viu e a cidade que estava deixando lá em Minas?

J.D. – Olha, lá onde eu morava já era uma cidade habitada mesmo, uma cidade mesmo completa. Agora, aqui estava em construção. Bem poucos estavam morando em casas efetivas — eram mesmo os engenheiros, os técnicos. Bem poucas pessoas estavam em casas efetivas. Mas a companhia estava construindo para sanar essa dificuldade.

V.A. – E o senhor chegou a trabalhar fora da usina, como pedreiro, para construir casas, ou o senhor sempre trabalhou dentro da usina?

J.D. – Dentro da usina. Trabalhei 30 anos, quase 31, só dentro da usina. Depois que eu me aposentei...

V.A. – O senhor se aposentou quando?

J.D. – Eu me aposentei em 43.

I.F. – Não, em 43 o senhor veio para cá.

J.D. – Não, foi em 73.

I.F. – Mas aí o senhor se casou e a filha nasceu aqui. Quantos filhos o senhor tem?

J.D. – São quatro: Zilda, Maria José, Célia e José Maurício. Três mulheres e um homem.

I.F. – E nasciam aqui como? Casa de saúde ou em casa, com parteira?

J.D. – Em casa de saúde. Mas a mãe dessa menina que veio aqui nasceu lá na vila do Sapo.

V.A. – A primeira filha, a mãe dela. E nasceu dentro da casa?

J.D. – Lá no barraco.

V.A. – E quem fez o parto?

J.D. – Foi uma parteira, mas uma parteira muito credenciada. Era enfermeira etc. e tal, mas ela atendia a esses serviços de grande emergência. Ela que fez o parto. E os outros já nasceram em Monte Castelo, onde eu morei muitos anos. Aí já foi mais bem tratada, mais bem acompanhada.

V.A. – E foi em casa também que nasceram?

J.D. – As outras já foram em casa própria.

V.A. – Em Monte Castelo, onde o senhor morou. Aí também foi a parteira em casa...

J.D. – Não, aí já foi médico mesmo, foi atendida pelo hospital.

V.A. – Já nasceram no hospital.

J.D. – É. A primeira filha é que foi lá... Porque a gente estava em dificuldade e ela morava ali pertinho, a gente já conhecia o trabalho dela e então ela se apresentou logo. Mas deu tudo certo, graças a Deus.

I.F. – E a assistência médica para vocês era boa?

J.D. – Era boa, sim. A companhia toda a vida foi muito legal sobre os casos de assistência médica, muito legal mesmo.

I.F. – E escola para os filhos?

J.D. – Aí havia uma certa dificuldade. Mas depois, com o tempo, aquilo foi desenvolvendo e foram abrindo escolas. No princípio, sempre há uma certa dificuldade. Também, a gente morava, como eu falei, na vila do Sapo, e eles construindo escolas. Quando eu passei para a companhia, eu trabalhei no grupo escolar lá no Jardim Paraíba, acho que Barão de [inaudível]. Quer dizer que eles já estavam construindo escolas.

V.A. – O senhor trabalhou?

J.D. – É, trabalhei. Quer dizer, eu fui sempre da companhia, mas nos primeiros meses eu trabalhei nesse grupo escolar lá no Jardim Paraíba. Mas depois eu voltei, porque o departamento em que eu trabalhava era de origem lá dentro da usina mesmo. Mas como havia aquela data certa de entrega, eles pediram um reforço no nosso departamento e a gente foi para lá.

I.F. – E sua mulher trabalhava fora ou só em casa?

J.D. – Não, ela era do lar.

I.F. – Do lar, tomava conta dos filhos.

J.D. – Na verdade, a gente não tinha filhos, tinha só essa menina. Depois é que nasceram os outros. Mas ela não trabalhava fora, não.

V.A. – E como o senhor conheceu a sua esposa?

J.D. – Lá em Lavras. [riso] Aconteceu o seguinte: eu, quando cheguei de São Paulo, cheguei muito bonitinho lá.

V.A. – O senhor foi para São Paulo?

J.D. – Quando eu comecei a namorar ela, eu vim de São Paulo. Trabalhei em São Paulo três anos.

V.A. – Como pedreiro também? Como foi isso?

J.D. – É, meio oficial, trabalhei como meio oficial de pedreiro em São Paulo. De maneira que o objetivo nosso, a rapaziada solteira, era andar bem trajado — três, quatro ternos, bons sapatos — e lá no interior onde eu nasci, na minha terra, não tinha nada disso. Aqueles rapazes com as roupas todas jegues, e eu cheguei lá abafando a banca. [risos] Aí ela tinha um namorado lá, soltou o cara para o lado e agarrou comigo.

I.F. – Tocando uma música gostosa...

J.D. – Tocava a música, exato.

I.F. – Fazia serenata para ela?

J.D. – Fazia! Eu fiz muita serenata. Mas nós namoramos muito tempo, foi um namoro longo mesmo, quatro anos. Com quatro anos, eu não falava nada em casamento. Aí, meu avô, que se chamava Martiniano, ele começou então: “Como é, está namorando aquela menina esse tempo todo, ela é muito boazinha e não pode ficar assim não, você vai dar um jeito.” Aí eu fui... e fizemos o casamento. Mas eu tinha medo porque, conforme eu contei, muito cedo tive que assumir o cargo de chefe de família, quando meu pai morreu. Então, eu tinha medo de botar aquela carga novamente nas costas. Tinha medo e isso fez com que eu demorasse muito tempo para ficar noivo. Mas aí eu pedi em casamento, eu mais meu avô fomos à casa da sogra pedir em casamento. Ela mesmo não acreditou: “Tanto tempo, agora...”

I.F. – Quantos anos o senhor tinha quando casou?

J.D. – Eu estava com 27 anos já.

I.F. – E esse seu avô era pai do seu pai?

J.D. – Não, da minha mãe. Ela tinha 18 anos, que eu sou mais velho do que ela uns sete anos, não?

V.A. – Nove anos.

J.D. – Oito anos mais ou menos, nessa faixa assim. Mas então, nós casamos...

I.F. – Mas então, o senhor começou a namorar quando ela era uma menininha.

J.D. – Era garota, sim. [risos] Ela trabalhava em uma fábrica de tecidos lá em Minas e eu trabalhando, tocando música e trabalhando de pedreiro e namorando... [riso] Levava uma vida boa.

I.F. – Mas o senhor acha que melhorou de vida bastante quando veio para cá?

J.D. – Ah, melhorou! Foi da água para o vinho.

I.F. – E ela gostou de vir para cá?

J.D. – No princípio ela estranhou porque lá em Minas a gente morava em uma casa toda boa, casa mesmo residencial, e sair de lá para morar em um barraco lá na vila do Sapo, com música de sapo... De maneira que é muita diferença. Mas depois ela foi adquirindo amizade com o pessoal lá e acostumou com aquela vida. Aí ficamos na vila do Sapo muito tempo e saímos de lá porque houve uma enchente. O Paraíba encheu, uma coisa até inesperada, e, na madrugada da enchente, tinha uma praça lá que fazia baile, uma brincadeira. Eu tocava, tinha uns companheiros que tocavam violão e nós brincamos lá até mais ou menos umas dez da noite. Aí um colega falou: “Olha, gente, amanhã é dia de trabalhar; vamos parar com isso.” E ninguém esperava por aquilo. Quando foi alta madrugada era aquilo: “Me acode, socorro, socorro!” A gente olhou e estava o pessoal lá com as velinhas acesas, era a enchente. Mas a enchente tinha pegado aqueles barracos todos, perderam mantimentos, só não perderam a vida. E o socorro da companhia já na canoa, tirando. Aí não teve outro meio: a companhia estava construindo umas casas cá fora já mesmo para alojar esse pessoal. Então, tiveram que tirar esse pessoal inesperadamente e colocar nessas casas.

V.A. – No Monte Castelo?

J.D. – Não, aqui na rua 207. Estava tudo entijolado, não estava nada pronto, mas a companhia tinha que socorrer esse pessoal e pôs esse pessoal nessas casas. E eu fui o último a sair de lá, fiquei mesmo apavorado: aquilo ficou tudo baldio, não tinha quase ninguém. Até que um belo dia eles foram lá e tiraram também a gente e viemos aqui para a 207 também.

I.F. – O senhor me disse que as casas aqui, no começo, eram todas de madeira. Eu vi também que uma das primeiras coisas que fizeram aqui foi o Corpo de Bombeiros. Tinha muito incêndio aqui, nas casas de madeira?

J.D. – Não, nunca ouvi dizer que tivesse. O Corpo de Bombeiros era uma coisa mesmo essencial em qualquer uma cidade porque não tinha mas podia ter. E até que eles pedissem lá no Rio... Tinha alguns, mas isso eu não posso dizer porque não vi. Mas isso era uma coisa mesmo essencial que toda a cidade tem que ter para o caso de prevenção.

I.F. – Mas não era comum, então, ter incêndio aqui, não?

J.D. – Não.

I.F. – Já tinha luz elétrica nesses barracos?

J.D. – Já tinha.

I.F. – Não usavam lampião a querosene, nada disso?

J.D. – Eu, no princípio, usei lampião. Mas depois, logo imediatamente a companhia instalou luz elétrica, água potável...

V.A. – Nessa rua 207?

J.D. – Não, lá na vila do Sapo. Quando nós mudamos aqui para a 207, a casa não estava acabada, estava tudo em tijolo à vista ainda, não estava emboçado, mas água e luz a companhia instalou, porque já tinha instalação na rua. Eu morei um ano e tanto aqui na 207.

I.F. – E o senhor veio para cá em 42, na época da guerra. O Getúlio era o presidente e a usina chama-se Usina Getúlio Vargas. O que o senhor sabia do Getúlio, como era isso para o senhor?

J.D. – Olha, Getúlio Vargas, para mim, foi um grande presidente. Para nós então, operários — vou falar —, ele foi um deus. Eu me lembro que antes do Getúlio, meus antepassados, meus avós, passaram por essa situação: o operário não tinha garantia nenhuma. O sujeito trabalhava tantos anos, conforme eu vi, o camarada trabalhava, ficava velho, adoecia... Se não tivesse um familiar em condições para ajudá-lo, ia para uma esquina pedir esmola com o pires na mão. Aí entrou o Getúlio Vargas e logo criou o INPS. A pessoa então já tinha as condições de aposentar, se adoecesse já tinha assistência médica, criou as leis trabalhistas, então foi um eus do pessoal pobre. E aumentou o serviço, com essa usina e outras mais. Ele foi um grande presidente e que Deus o tenha no reino da glória.

Mas era assim. Eu via muita gente dizendo: “Fulano ali foi um grande marceneiro mas não pode trabalhar mais.” Então ia um lá dar uma esmola para ele. Eu vi muito isso. Mas depois que o Getúlio entrou e passou a governar o país, ele logo tratou dessas coisas, das leis trabalhistas, o INPS, que não tinha. O camarada trabalhava anos e anos aí e não tinha nada.

I.F. – O senhor chegou a tocar na banda quando o Getúlio veio aqui?

J.D. – Tocamos sim! Tocamos para Getúlio, para o presidente Castelo Branco... Lá não passava sem música não, *sá!*? A banda ia tocar.

V.A. – O Getúlio veio para cá em 1º de maio de 1953, o senhor se lembra disso?

J.D. – A data eu não lembro.

V.A. – A festa de 1º de Maio.

J.D. – Isso eu não posso dizer com precisão mas sei que ele veio aqui: nós fomos lá no Aeroclube recepcioná-lo, disso eu lembro. E o Castelo Branco também, o marechal Castelo Branco: nós fomos lá também recepcioná-lo.

V.A. – E o Juscelino também esteve aqui.

J.D. – O Juscelino eu não lembro, acho que não esteve, não. Se esteve, me fugiu do pensamento, da memória.

I.F. – Eu soube que no ano passado ou neste ano o senhor foi homenageado na CSN. Vi um retrato seu. O que foi isso?

J.D. – Vou falar francamente: aquilo foi bondade do pessoal lá da companhia, da banda de música de que eu faço parte. Uma, porque me consideram como fundador da banda.

E graças a Deus eu tenho muita amizade com todo o mundo ali, a chefia toda, e eles então... Para mim, até foi surpresa. Me falaram: “Lá na usina tem um cartelão com o seu retrato.” A banda, naquele tempo, a gente ia no almoço, os operários almoçando e a gente tocando a música para eles. Era assim.

V.A. – Ah, é? Todos os almoços?

J.D. – Eu acho que era de 15 em 15 dias, em cada departamento. Lá dentro tem muitos departamentos: tem o departamento de mecânica, de eletricidade... E cada um tem o seu refeitório. Então a gente ia naqueles refeitórios. Por exemplo, se ia nesse nesta quarta-feira, na próxima já ia em outro refeitório. E assim, quase o mês todo tinha aquela festa. Então, esse retrato meu, o cartelão, [rindo] eu vi lá no cartelão o meu retrato... Fiquei satisfeito e falei: “Meu Deus, deviam me avisar para eu me preparar e ficar bonitinho.” Mas eu fiquei satisfeito, é uma glória — prova de que a gente teve um comportamento exemplar. Eles me consideram, pessoalmente, graças a Deus. A diretoria lá é maravilhosa, lá do Recreio: a professora Vera, a professora Cárita.

I.F. – A banda ensaia sempre lá no Recreio?

J.D. – É, no Recreio. Os ensaios são feitos lá. Ainda ontem nós ensaiamos lá e amanhã, se Deus quiser, nós temos outro ensaio.

V.A. – Na época em que o senhor veio para cá, os ensaios eram de quanto em quanto tempo?

J.D. – Nós ensaiávamos às vezes três vezes por semana, duas vezes por semana. Mas tem que ensaiar. Se nós ensaiamos ontem, segunda-feira, amanhã, quarta-feira, tem ensaio. O maestro lá trabalha muito, é muito aplicado. Ele tem uma banda de garotos chamada Banda Experimental — só garotada — mas já estão bem desenvolvidos em música e ele já está botando eles para trabalhar.

I.F. – O senhor alguma vez deu aula de música?

J.D. – Não, eu nunca dei aula de música. Só uma vez em que um rapaz comprou um trombone de vara e pediu para eu dar a ele umas explicações. Eu dei e fui coroado de êxito porque ele ficou bom.

I.F. – E seus filhos e netos não aprenderam com o senhor, não?

J.D. – Não, não aprenderam. Quando arreponderam, já era tarde. Assim como esse que estive no Exército, que eu falei que era cabo e que era expedicionário. Ele perdeu uma grande oportunidade porque, naquela época, era muito fácil o camarada se tornar músico da banda do Exército — mais fácil do que hoje porque não exigiam tanta coisa. E ele então perdeu essa oportunidade de ir para a banda do Exército.

V.A. – E, seu Juca, como era o horário de trabalho dentro da usina? Como era a rotina do senhor em um dia de trabalho normal? O senhor tinha que chegar na usina a que horas? Ou o senhor fazia turnos também? Como era?

J.D. – O turno dependia da necessidade do trabalho. Era o seguinte: os engenheiros pegavam uma obra e tinha aquele prazo determinado para entregar. Às vezes vinha algum imprevisto, algum atraso, mas aquele prazo era uma coisa religiosa: tinha que entregar. Então, eles viam que não iam cumprir com o trato, eles então aumentavam o horário de trabalho: o camarada jantava por lá mesmo, ficava até as dez da noite.

V.A. – Aí o senhor recebia hora extra?

J.D. – Recebia hora extra. A gente até gostava porque era mais uma grana que entrava.

I.F. – O descanso era aos domingos?

J.D. – O descanso era domingo. Quando o negócio estava mesmo com muita pressa, às vezes até aos domingos mesmo a gente trabalhava.

V.A. – Mas o senhor tinha um horário fixo de trabalho?

J.D. – O horário mesmo normal era das sete às cinco, cinco e meia ou seis, conforme. Vamos botar das sete às seis horas, até menos: até cinco. Era o horário normal.

V.A. – E o senhor saía de casa e ia para a usina como? A pé?

J.D. – Eu ia a pé. Quando morava em Monte Castelo, eu ia a pé porque era perto. Descia bastante, levava uns 15 minutos mais ou menos até lá no departamento. Chegava lá no serviço de ponto, batia o cartão, botava o cartão no quadro, ia para o barraco, apanhava as ferramentas e já ia para o setor de trabalho.

V.A. – Aí tinha horário de almoço. O senhor ia para casa almoçar ou almoçava na usina?

J.D. – Não, no almoço eu não ia em casa. Eu podia ir em casa, mas era muita subida, muito morro: eu morava no Monte Castelo. Eu falava: “Já estou trabalhando bastante aqui e agora vou subir morro para ir para casa?” E aquele horário de voltar, retornar, então aquilo preocupava.

V.A. – Aí o senhor almoçava na usina.

J.D. – É, um garoto levava meu almoço.

V.A. – Que garoto, seu filho?

J.D. – Não, eu pagava um garoto lá, um vizinho.

I.F. – Agora tem restaurante.

J.D. – Tem muitos restaurantes. Agora é uma facilidade, tem muitos restaurantes, uma refeição muito boa. Hoje modificou tudo.

V.A. – Então, sua esposa fazia o almoço e um garoto levava.

J.D. – Ela fazia e o garoto levava. Chegava na hora certinha.

V.A. – Aí o senhor comia, descansava um pouco...

J.D. – É, e mão na ferramenta, vamos trabalhar. Era mesmo uma coisa maravilhosa.

I.F. – E quando abriram o sindicato aqui, o senhor se filiou ao sindicato?

J.D. – Me filiei, me filiei logo.

I.F. – Quem foi o primeiro presidente do sindicato aqui?

J.D. – Eu não posso dizer, eu me lembro daquele Samuel de Paula Reis. Eu digo francamente: me saiu da idéia.

V.A. – Tinha o Allan Cruz, não tinha?

J.D. – Ah, o Allan, justamente.

I.F. – E o sindicato ajudou muito os funcionários daqui?

J.D. – Ah, sempre ajuda. Tem uns que às vezes abusam, mas ajudou muito.

V.A. – Como assim? Quem abusa?

J.D. – Às vezes os operários fazem certas coisas que não deviam fazer e depois correm lá no sindicato, o sindicato às vezes fica sem condições... Isso era muito raro, mas acontecia. E indiferente disso... O sindicato impõe um respeito muito grande na área patronal e também tranqüiliza o operário, porque ele sabe onde ir, onde tem as leis sociais, onde ele vai buscar recurso. De maneira que é muito bom o sindicato.

V.A. – Nós soubemos que no trabalho nesse início da usina, cada funcionário tinha uma caderneta. O senhor chegou a pegar isso? Os chefes de departamento anotavam as coisas boas e as coisas ruins que o funcionário tinha feito. O senhor chegou a acompanhar isso, ou não sabia?

J.D. – Eu não sei porque no meu departamento a chefia era muito boa e o pessoal era disciplinado. Muita disciplina mesmo, era uma irmandade. Agora, nos outros departamentos, se tinha isso eu não posso afirmar. Mas no meu departamento, não.

I.F. – O senhor conheceu o general Edmundo de Macedo Soares?

J.D. – Conheci muito.

I.F. – Conte um pouquinho sobre ele.

J.D. – O general Edmundo de Macedo Soares, conforme eu disse, foi o primeiro chefe aqui da cidade.

I.F. – Ele veio morar aqui logo no comecinho.

J.D. – É, ele morava lá na fazenda Santa Cecília, foi o primeiro presidente da companhia...

I.F. – Não, o primeiro presidente foi o Guinle. Ele foi diretor técnico.

J.D. – Eu acho que sim porque quando eu vim já foi na gestão dele. Anteriormente eu não posso dizer nada. Mas ele era um homem de muito respeito, religioso.

V.A. – Ele era religioso?

J.D. – Ele era. Você veja que em Volta Redonda tudo é Santa Cecília: vila Santa Cecília, igreja Santa Cecília, lá na banda de música mesmo tem uma imagem da Santa Cecília — ele que pediu para colocar.

V.A. – Não era porque aqui era uma fazenda chamada Santa Cecília? Aqui em Volta Redonda, antigamente, antes da usina, era uma fazenda chamada Santa Cecília.

J.D. – Eu não sei. Eu conheci, lá no interior, como Volta Redonda.

I.F. – E o senhor é religioso?

J.D. – Eu sou católico. Mas de vez em quando a gente vai em uma sessão espírita. [riso]

I.F. – E aqui tem muita sessão espírita?

J.D. – Ih, tem! O negócio aqui é kardecista. Eu também sou membro do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

V.A. – É kardecista?

J.D. – Não, é outra coisa. É da Comunhão do Pensamento, uma religião que professa que o pensamento da gente tem o poder de atrair o bem ou o mal. O pessoal, por exemplo, que só pensa na desgraça, aquelas coisas ruins, continuamente, tende a atrair aqueles elementos. Mas se ele pensa no bem, na saúde, na fortuna continuamente, ele vive naquele clima de saúde, de felicidade. Então, é mais ou menos nessa faixa. Mas é [inaudível] de muito estudo, muito estudo mesmo. Mas eu até que estou meio afastado, não sei por quê.

I.F. – Mas, seu Juca, hoje nós duas estivemos conversando e estávamos vendo que nós estivemos hoje entrevistando o dr. Renato Azevedo, que já está com bastante idade e forte, bem disposto. Estivemos entrevistando, não sei se o senhor conhece, o dr. José Moraes.

J.D. – Esse não. O Renato eu conheço.

I.F. – Eletricista. Também lépido. O senhor perdeu todos os irmãos e está aí moço, bem disposto. Volta Redonda faz bem para todo mundo, conserva as pessoas?

J.D. – Eu não sei, é uma coisa de Deus mesmo. Às vezes eu nem acredito que sou eu porque eu não tive lazer na vida. Conforme eu já contei, perdi meu pai muito cedo e tive também que pegar lata de reboco de 20 quilos, subir escada para levar para o pedreiro, trabalhando de ajudante de pedreiro... Tinha dia em que a gente almoçava e não tinha o que jantar, tinha dia em que jantava e não tinha o que almoçar... Uma vida mesmo muito penosa. Só melhorou um pouquinho depois que eu comecei com a música. Comprei um cavaquinho e tal, me chamavam para tocar num baile [inaudível] aprendi. Então a gente ia num baile, tocava lá com o clarinetista, entrava mais um dinheirinho. E eu comecei a aprender música, comecei a estudar música. Estudei música com muito afinco e depois fui tocar em um clube, até um clube de dança.

V.A. – Lá em Lavras?

J.D. – Lá em Lavras. Eles me davam a parte, eu levava a parte para casa, decorava e, quando chegava a hora, eu estava ali em cima da pinta. Então, já era um dinheiro que entrava. E mesmo fora de idade: tinha aqueles cabarés, eu tocava lá — para ganhar dinheiro. E aí foi folgando. Depois me deu vontade e eu fui embora para São Paulo, fiquei lá três anos.

V.A. – Como o senhor foi para São Paulo? O senhor teve algum contato, alguém chamou o senhor para trabalhar?

J.D. – Eu tinha um amigo que morava lá.

V.A. – Um amigo de Lavras?

J.D. – É, conterrâneo da gente que morava lá e ele então foi passear na minha cidade. E chegou lá — eu fiquei com inveja dele — muito bem trajado, com dinheiro, ternos, e contando aquela vida maravilhosa que ele levava lá. Aquilo me despertou a curiosidade de ir.

V.A. – E o senhor tinha quantos anos quando foi para São Paulo?

J.D. – Eu estava com uns 17 anos. Fiquei lá três anos.

V.A. – E o senhor mandava dinheiro para casa?

J.D. – Mandava! Eu mandava sim, mandava dinheiro para casa. Nunca descuidei da minha mãe.

V.A. – Mas tinha os outros irmãos que tinham ficado.

J.D. – Pois é, mas mandava dinheiro para casa. Não é dizer que dava para manter a velha porque a vida lá era cara.

V.A. – Em São Paulo?

J.D. – Em São Paulo.

V.A. – E o senhor trabalhou como pedreiro?

J.D. – É, de meio oficial de pedreiro. Já não era mais carregador de massa.

V.A. – O que é meio oficial?

J.D. – Meio oficial não é um oficial completo, é um oficial que sabe assentar tijolos, essas coisas, mas se botar para assentar um azulejo, um piso, ele pode fazer mas já não está na faixa dele. Então eu trabalhava de meio oficial de pedreiro.

V.A. – E o senhor trabalhou onde, fazendo o quê? Construindo prédio?

J.D. – É, construindo prédio.

V.A. – Em empreiteira também?

J.D. – Em empreiteira sim. Eu trabalhei naquela rua Marechal Fareli, rua Maestro Elias Lobo.

V.A. – E o senhor morava nas construções?

J.D. – Não, eu tinha uma madrinha que morava lá, na rua Brigadeiro Luís Antônio, e eu morava com ela.

V.A. – E o senhor desistiu de ficar lá?

J.D. – Eu saí de lá.

[FINAL DA FITA 1-B]

V.A. – Tinha muita exploração lá em São Paulo?

J.D. – Não quero dizer que era exploração porque eles também eram muito carentes. Eu, sem tratar de mim e da minha família em Lavras, e também a carga deles estava vindo sobre mim. Meio malandrões os filhos dela.

V.A. – Da sua madrinha?

J.D. – É, trabalhavam e não davam dinheiro para a casa. Do que eu dava, eles participavam e eu falei: “Não dá”. Saí e fui morar na obra. Eles me tratavam de guarda de obra, vigia de obra. Chegava de noite, eu ficava ali na obra e ganhava também, ganhava para ficar na obra. Acabava aquela obra e eu passava para outra. E era assim.

V.A. – E o senhor voltou para Lavras por quê?

J.D. – Uma que naquele tempo o Exército era sorteio, não era como hoje em que o camarada tem que ir. E eu fui sorteado mas não cheguei a servir por causa de eu ser arrimo de família. E o meu pessoal me chamou: “Vem, na prefeitura tem um chamado, você está sorteado.” Aí eu tive que largar lá e vim atender. Mas cheguei lá, fiquei dez dias no quartel, mas por ser arrimo de família, davam falta de mim. Tinha um oficial que era meu conterrâneo e que me ajudou muito a conseguir não servir. Aí peguei o

certificado mas não cheguei a vestir farda nem nada. Mas por isso que eu vim embora, senão não tinha vindo embora, não.

V.A. – Senão o senhor teria ficado em São Paulo?

J.D. – Ficava lá mesmo.

V.A. – E aí, quando chegou em Lavras conheceu a sua namorada.

J.D. – Minha namorada e tal, e a coisa lá estava melhor, tinha mais trabalho, já não estava aquele fracasso de trabalho como na época anterior. E eu então fiquei quieto lá em Lavras, me casei. Mas é uma luta, a gente parece que tem uma missão para cumprir aqui na terra. Aí casei e sofri muito com meus irmãos. Minha sogra, coitada, era viúva e tinha também umas filhas. Eu casei, passou-se um tempo e eu vim para cá. Aí as moças vieram para cá também, as cunhadas. Chegaram aí, são muito responsáveis, aquela coisa, moraram comigo muitos anos, eu que fiz os casamentos delas, das duas. Para a senhora ver como são as coisas.

V.A. – E os seus irmãos não vieram para cá, não?

J.D. – Não, os irmãos não vieram, não. Teve um que passou aqui mas não se deu. Esse era muito temperamental e foi trabalhar num departamento em que tinha que ter paciência. Na companhia, naquele tempo, tinha que ter paciência, igual nos dias de hoje; se a gente for levar tudo aos pontapés, a gente se dá mal. Ele era temperamental, às vezes o encarregado ia falar com ele, ele não tolerava aquilo, e foi embora, foi lá para São Miguel Paulista. Esse era o Diocésio. Mas foi trabalhar numa eletroquímica lá...

V.A. – Sei, aí acabou falecendo.

I.F. – E sua mãe, chegou a vir aqui?

J.D. – Não, minha mãe não chegou aqui. Ah, veio sim, ela foi enterrada aqui. Ela adoeceu lá em Minas. Eu tinha um irmão, o Néelson, que era muito bom filho. Mas era casado e a esposa dele não combinava com a minha mãe de maneira nenhuma. Então maltratava: a velha, doente, e ela, em vez de socorrer... Mas ele não maltratava a minha mãe. Aí me falaram que desse providência que o negócio lá não estava bom para a minha mãe, não. Eu me comuniquei com essas minhas irmãs daqui, que são falecidas também, elas logo encostaram a cabeça [inaudível] e disseram: “Então vamos lá.” E partimos para Lavras. Chegamos lá, coitada, ela estava num estado mesmo deplorável, e a iniciativa que tivemos foi trazê-la para cá. Trouxemos para cá, minha irmã falou: “Ela vai ficar na minha casa porque está mais perto do hospital.” De maneira que nós juntamos para fazer o tratamento dela — os cunhados, as irmãs e eu — e ela morreu com toda a dignidade, morreu aqui. Se a cunhada lá tratasse dela direitinho, não precisava ter havido esse corre-corre. Mas a gente, como filho...

I.F. – E agora, quando o senhor olha e vê a cidade tão grande e lembra dos outros tempos, não dá uma confusão na cabeça, não?

J.D. – Ah, isso dá.

I.F. – O senhor viu tudo isso crescer.

J.D. – Eu vi, eu vi isso crescer. E tem lugar que a gente nem sabe o que era mais. A gente passa num lugar assim, já tem uma obra nova ali, a gente vai ficando até meio confuso, perde a noção de como era aquilo.

I.F. – Não conhece mais as pessoas, que antigamente conhecia todo mundo.

J.D. – É, essa mocidade, a cidade cresceu muito, esse pessoal novo... Inclusive a família da gente também cresceu. E a gente fica até perdido.

I.F. – Me conte uma coisa. Quando eu estava vindo para cá, tinha uma porção de plaquinhas assim: “Bar do Juca.” É o senhor que tem um bar aqui?

J.D. – Não senhora! Isso é um xará, há muitos anos que ele tem um bar, é muito antigo aquilo ali. Ele põe isso para chamar a atenção dos fregueses, mas não é nada comigo. [riso]

V.A. – E o senhor vivenciou a emancipação de Volta Redonda? Volta Redonda, primeiro, era distrito de Barra Mansa.

J.D. – Isso.

V.A. – E em 54 virou município autônomo. O senhor chegou a acompanhar isso, viveu isso? O senhor comentava, discutia?

I.F. – Foi bom?

J.D. – Sobre esse caso eu não tenho nada a dizer. Eu só sei que, quando emancipou, nós, como músicos, fomos tocar a banda de música. Houve aquela festa toda, mas eu não posso dizer que...

V.A. – Porque aí foram eleitos os prefeitos, vereadores em Volta Redonda. Mudou alguma coisa?

J.D. – Mudou porque as autoridades, os prefeitos daqui passaram a se interessar pela cidade. De maneira que melhorou muito. Agora, houve festa. A banda de música estava aí era para tocar mesmo nessas coisas, nesses acontecimentos, e a gente estava sempre no meio mandando nossas notas desafinadas.

I.F. – E o senhor, quando vota, vota em partido político?

J.D. – Ah, voto. Desde que eu vim para cá, porque em Minas não cheguei a votar não, mas aqui, desde que eu moro aqui, em todas as eleições eu estou sempre presente com meu voto. Às vezes acerto, às vezes não acerto.

I.F. – Qual é o partido mais forte aqui, agora?

J.D. – Aqui tem diversos partidos, eles falam muito nesse PMDB, tem esse PT também que é bem falado. Nessas eleições parece que o PT concorreu com muita força, mas eles

não acertaram. Mas o pessoal daqui é político mesmo, é muito animado com esses casos de eleições.

V.A. – O senhor tinha dito que tinha uma missão aqui na terra. Qual a missão que o senhor teve na terra?

J.D. – A missão era ser chefe de família, carregar cruz nas costas porque, como eu disse, nunca tive lazer. E meu pai, em todo caso, era muito rígido, e eu não tinha esse negócio de ficar brincando, essas coisas.

V.A. – Ele não deixava o senhor brincar, não?

J.D. – Ih, não gostava de jeito nenhum, não gostava mesmo. Queria que a gente entrasse no estudo, e eu já nem consegui fazer o primário porque ele faleceu. Mas esses negócios de brincadeira, essas molecagens, ele não gostava que misturasse. Então a gente já trabalhava, aqueles serviços caseiros a gente tinha que fazer. E depois que ele faleceu, a coisa ficou feia para mim. Conforme já foi dito, eu tive que enfrentar a situação toda. E eu nunca tive lazer na vida.

V.A. – Então, a sua missão na terra foi trabalho.

J.D. – É, muito trabalho. Saúde — graças a Deus eu nunca adoeci na minha vida...

I.F. – E dar alegria aos outros com sua música, não?

J.D. – É sim. Mas eu nunca adoeci na vida, de dizer que estive hospitalizado. Eu só estive hospitalizado uma vez para extrair uma hérnia. No mais, nunca fui internado, graças a Deus, com essa idade toda. Isso eu agradeço muito a Deus.

V.A. – E seus filhos, eles estudaram até quando?

J.D. – Olha, eles fizeram só o primário, mas porque não quiseram... Principalmente as meninas, quando estavam no auge de estudar, casaram. O rapaz também não se interessou. Foi para o Exército, serviu ao Exército, a gente sempre dando conselho que ele estudasse, que podia conseguir até uma carreira por lá, era mais fácil do que hoje em dia. Mas não, ele foi lá para a usina, achou melhor trabalhar na usina.

I.F. – Trabalha em quê?

J.D. – Ele é falecido, já morreu. Ele morreu de desgosto, coitado, porque ele casou... Casou e não se dava bem com a companheira, não se dava bem com a mulher e entrou lá um certo desgosto na vida dele e ele tampou a beber. Aí eu chegava perto dele, aconselhava, a mãe também falava, as irmãs, mas não tinha jeito. Aí começou a adoecer. Adoecia, a gente levava ao médico mas não tinha dinheiro para o remédio. Ele estava encostado no INPS. A gente então cuidava, comprava o medicamento para ele mas ele largava o medicamento para lá e ia beber as pingas dele. Foi indo e não teve mais jeito, a saúde dele se deteriorou de uma tal maneira que não teve mais jeito; acabou falecendo. Morreu novo, um rapaz forte, trabalhava na companhia.

V.A. – Trabalhava em quê?

J.D. – Trabalhava no departamento de fundição.

V.A. – Fazendo o quê?

J.D. – Eu não sei o que ele fazia lá, não. Mas estava bem lá, muito benquisto pelos engenheiros. Mas depois começou a beber, foi afastado para tratamento de saúde e não voltou mais. A família da parte da mulher dele só vinha aqui para apanhar o dinheiro da pensão dos filhos.

V.A. – Ele tinha filhos?

J.D. – Quatro filhos. Eu vou falar com franqueza: eu tenho acho que 18 bisnetos, mas deve ser mais porque os de lá eu não sei. Nós perdemos mesmo o contato. Não da minha parte, mas eles se separaram, não sei por que motivo, e os netos não vêm aqui. Mas acho que tenho uns 25 bisnetos. [risos]

V.A. – E as moças também não estudaram?

J.D. – As meninas? Até o primário só. Ah, não, tem uma que é professora, leciona aqui no João Azis, mora aqui perto, deve estar trabalhando. Se chama Maria José Dias.

V.A. – A gente não perguntou os nomes de sua mãe e de seu pai.

J.D. – Meu pai chamava-se Bernardo de Oliveira Dias e minha mãe, Ana da Silva Dias.

I.F. – E sua mulher, como se chama?

J.D. – Sílvia Penha Dias.

V.A. – Ela é viva?

J.D. – Não, falecida há oito anos. Eu até tinha a pretensão de morrer primeiro porque sou mais velho do que ela oito anos. Então eu trazia meu negócio com muita precaução e falava com ela, ensinava os caminhos certos: “Se eu bater as botas, você sabe onde vai se pegar.” Eu tinha mesmo essa pretensão de que ia morrer primeiro do que ela. Mas, não: tem oito anos que ela foi e eu ainda estou aí, graças a Deus. [riso]

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

V.A. – [gravando simultaneamente em vídeo] Entrevista gravada na residência do senhor José Henrique Dias, seu Juca, no dia 8 de dezembro de 1998.

J.D. – É, em Volta Redonda, na rua Goiás número 36.

I.F. – Seu Juca, eu queria que o senhor fizesse um comentário sobre o quanto sua vida mudou com essa vinda aqui para Volta Redonda. O que teve de bom nessa mudança?

J.D. – Mudou da água para o vinho, mudou mesmo uma coisa extraordinária. Conforme já foi dito, eu sou mineiro e aqui eu achei mais facilidade para o trabalho, a maneira de educar os filhos e foi uma coisa maravilhosa para mim.

I.F. – Quer dizer que o senhor se sente hoje em dia muito mais de Volta Redonda do que mineiro?

J.D. – Ah, sou mais volta-redondense do que mineiro. Eu vim com 29 anos para cá e já estou aqui há 56 anos. Não, 56 anos eu tenho de banda de música. É mais ou menos nessa faixa, só fazendo a conta mesmo.

I.F. – E o senhor ficou uma pessoa conhecida aqui pela banda. Todo mundo sabe quem é o seu Juca.

J.D. – Ah, todo mundo sabe, me conhece, graças a Deus.

I.F. – E a importância de Volta Redonda para o Brasil, da Companhia Siderúrgica para o Brasil, o que o senhor acha?

J.D. – Esta companhia, a cidade de Volta Redonda, vou dizer com franqueza, é uma das pioneiras do progresso do nosso país. Esta usina maravilhosa, grandiosa, dá trabalho para muitos operários, muitas famílias, de maneira que eu gostaria que tivesse outras do mesmo porte desta, uma dezena de siderúrgicas do porte desta.

I.F. – O senhor se sente então feliz por ter vindo para cá.

J.D. – Graças a Deus. Aqui nasceram meus filhos, meus bisnetos, meus netos e todos eles, graças a Deus, estão colocados, ganhando o pão de cada dia.

I.F. – O senhor é uma pessoa que veio para cá no começo, é considerado um pioneiro.

J.D. – É, foi no começo, 1942, setembro de 1942, a gente pode dizer que é do começo mesmo.

I.F. – Então, muito obrigada pela entrevista.

J.D. – Vocês não reparam eu não poder corresponder plenamente porque...

V.A. – Mas o senhor correspondeu plenamente.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

I.F. – Seu Juca, ali tem uma porção de prêmios. Que prêmios são esses, o senhor jogava futebol?

J.D. – Aquilo ali não é meu, não, é das meninas. Elas freqüentavam, jogavam basquete. Meu ali só tem um.

I.F. – Tem um ali de honra ao mérito do senhor.

J.D. – Isso, eu ganhei da banda de música. Mas isso é das netas.

I.F. – Elas fazem esporte?

J.D. – Basquete... Não, qual esporte? É esporte.

I.F. – O senhor não fazia esporte? Nunca jogou futebol?

J.D. – Não senhora.

I.F. – Muito obrigada então.

[FINAL DE DEPOIMENTO]